

A OSCILAÇÃO *ERRO/ACERTO* NO TEXTO DE UMA CRIANÇA: UMA ANÁLISE INTERACIONISTA

THE OSCILLATION ERROR/CORRECTION IN A CHILD'S TEXT: AN INTERACTIONIST ANALYSIS

Rosyane Mayre Pimenta Natal¹

RESUMO: Esta pesquisa tem o objetivo de discutir a não regularidade do processo de aquisição da escrita através dos enunciados insólitos de uma criança. Levanta-se uma discussão a respeito da relação fala/escrita a fim de apreender algo mais singular da relação sujeito/linguagem. Foram identificadas marcas linguísticas, ou *erros*, que emergiram na escrita da criança, e as análises permitiram conceber que estes *erros*, decorrentes da relação fala/escrita, deixam ver os processos pelos quais o sujeito passa para se constituir como escrevente.

Palavras-chave: aquisição da escrita; relação fala/escrita; heterogeneidade.

ABSTRACT: This research aims to discuss the irregularity of the written acquisition process through unusual statements of a child. It raises the issue related to the relation speech/writing in order to learn something more singular of the relation subject/language. Some linguistic impressions that emerged in the texts of children were identified, and the analysis allowed us to conceive that *errors* arising from the relation speech/writing allow us to see the processes by which the subject goes through to constitute himself/herself as a subject who writes.

Keywords: acquisition of writing; relation speech/writing; heterogeneity.

1. INTRODUÇÃO

Passar de não falante a falante de uma língua constitui um fenômeno estudado por pesquisadores do campo da aquisição de linguagem. As pesquisas neste campo também abrangem o fenômeno de aquisição da linguagem escrita.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná e fonoaudióloga da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Os *erros* têm lugar especial nos trabalhos do campo da aquisição de linguagem escrita porque deixam ver mais facilmente o caráter heterogêneo do processo de aquisição e proporcionam discussões fecundas sobre a constituição da criança enquanto sujeito escrevente, já que decorrem de “uma maneira singular de combinar significantes” (CARVALHO e ROZENTAL, 2004, p. 50). Porém, o modo como o *erro* é visto varia de acordo com a formação teórica do pesquisador.

Na Psicologia do Desenvolvimento, por exemplo, a persistência dos *erros* de “forma” ou “conteúdo” além do tempo esperado é considerado um sintoma ou indício de que algo não vai bem na aprendizagem da criança. Neste sentido, não se distingue *erro* de *sintoma*. Segundo Leite (2000), mesmo em outras abordagens (cognitivistas e sociointeracionistas) não há uma discussão sobre a linguagem em sua atividade. Há uma descrição dos *erros* e o submetimento destes a problemas perceptuais e cognitivos.

Para o interacionismo em aquisição de linguagem, abordagem que adoto nesta pesquisa, tal como formulado por Cláudia Lemos (1998, 1999, 2002, 2006), as mudanças em direção à fala/escrita convencional devem ser vistas pelo pesquisador de modo singular. A proposta de Cláudia Lemos, teoricamente orientada pela teorização saussuriana, pelos trabalhos de Jakobson e pela releitura feita por Lacan de Freud, propõe outra noção de sujeito e outra noção de *erro* e sintoma. Nesta pesquisa, o foco incide sobre essa outra noção de *erro*: a de que estes são aquilo que emerge na escrita como fruto da relação sujeito/linguagem e não somente como aquilo que foge à norma ortográfica padrão. Por isso, adoto o uso deste termo em itálico. Um fator importante a ser considerado é o de que o texto da criança é de caráter heterogêneo e, por isso, apresenta particularidades que impedem sua classificação em fases.

Os dados de escrita, principalmente inicial, remetem o pesquisador ao mesmo questionamento que Cláudia Lemos (2002) fez quando se deparou com os dados de fala de crianças, pois se apresentam de maneira singular e heterogênea. Algo parecido

com o que ocorre na linguagem oral ocorreria também na aquisição da escrita. Neste sentido, vale a pena buscar maneiras de olhar para o processo de aquisição da escrita sob a luz do Interacionismo buscando indícios de como se dá a relação do sujeito com a fala/escrita do outro, com a língua e com a própria fala/escrita.

O objetivo desta pesquisa é discutir a não regularidade do processo de aquisição da escrita através dos enunciados insólitos de uma criança. Espero colocar sob suspeita noções como as de escrita como representação da oralidade e problematizar a atribuição de conhecimento linguístico à criança a partir de textos por ela produzidos.

2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O submetimento ao funcionamento linguístico-discursivo permite que a escrita infantil seja um solo fértil de manifestação das singularidades. Neste ponto, estou considerando que a aquisição da escrita é um processo que se dá como consequência da entrada da criança no funcionamento linguístico-discursivo e que este funcionamento impõe certa instabilidade à escrita infantil já que se trata de um processo com idas e vindas pelas afetações e emergências pelas quais o sujeito passa para se constituir como escrevente. Neste sentido, concordo com a pesquisadora Maria Bernadete Marques Abaurre (1996) quando esta afirma que os dados da escrita inicial podem contribuir “para uma discussão mais profícua da natureza da relação sujeito/linguagem” (ABAURRE, 1996, p. 112).

Muitas vezes, a escrita de crianças se apresenta de maneira imprevista aos olhos do adulto. A partir daí fala-se em *erro*. É necessário adotar uma abordagem qualitativa que permita uma discussão sobre os movimentos pelos quais a escrita da criança passa. A qualificação, aqui em jogo, não busca os “fracassos”. É necessário dar conta da

aquisição em seu curso, ou seja, submetida ao sistema linguístico-discursivo. Em outras palavras, Figueira (1996) diz:

Uma hipótese cumulativa do desenvolvimento linguístico (...) não conseguiria explicar por que há nesta trajetória alterações que representariam (para o olhar do leigo) recuos. É preciso dispor de uma hipótese que admita a possibilidade de que a experiência com o objeto linguístico modifique a forma do funcionamento anterior (...), dando conta das mudanças qualitativas do desenvolvimento. (FIGUEIRA, 1996, p. 72).

É por ser rica em movimentos linguísticos que elejo a escrita de crianças como objeto de análise. Como explica Figueira (1996), a escrita inicial contém *erros* que são “marcas daquilo que está sendo rearranjado na produção linguística da criança”. Sendo assim, deparei-me no texto da criança com *erros* que podem ser considerados como marcas de um trabalho linguístico que, em contraste com outro texto produzido pela mesma criança, se apresentam de forma diferenciada. Em outras palavras, a proposta metodológica desta pesquisa consiste em olhar para as instabilidades da escrita infantil tomando-as como indícios de sua relação com a linguagem.

As mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita convencional, como aponta Cristiane Carneiro Capristano (2007), em sua tese de doutoramento, ocorrem num “horizonte de possibilidades enunciativas latentes” (p. 85). Na materialidade dos textos infantis, é possível visualizar tais mudanças nas *flutuações entre erro e acerto*. Por sua vez, as flutuações demonstram a heterogeneidade do processo de captura da criança pela linguagem escrita e, por si só, já servem como objeto de análise para construção de uma teorização a respeito do processo de aquisição da linguagem escrita.

Abaurre (1996) fala sobre o linguista “curioso”, que se deixa questionar ante dados de escrita e, principalmente, escrita inicial. Acredito que assumir tal postura signifique considerar a singularidade com que os dados se apresentam. Acredito também que a singularidade reflète o processo pelo qual a criança se constitui como

sujeito da linguagem. Algumas situações tornam as singularidades mais visíveis ou, como diz a autora “é relativamente maior, em algumas situações limite, a probabilidade de ocorrência de dados singulares, que dão visibilidade momentânea a uma relação particular do sujeito com a linguagem. A situação de aquisição da linguagem, tanto oral como escrita, fornece ricos elementos para esta discussão (...)” (ABAURRE, 1996, p. 118).

A autora comenta também sobre o problema teórico que se apresenta aos estudiosos do campo da aquisição da linguagem, problema este resultante da relação entre “o *sistemático*, o *variável* e o *singular* na linguagem” (ABAURRE, 1996, p. 113, grifo da autora). A maneira de lidar com tal problema depende da posição teórica que o pesquisador assume ou, mais especificamente, da definição de sujeito e do modo como enxerga a relação sujeito/linguagem. Outra questão de grande relevância metodológica que a autora coloca é sobre o olhar que o pesquisador dispensa aos dados. Neste sentido, o pesquisador pode buscar as evidências necessárias para a comprovação das suas hipóteses, mas é preciso tomar cuidado para que as hipóteses prévias não o impeçam de “ver nos próprios dados, talvez naqueles que nos apressamos a rotular de exceções, *indícios* para a formulação de hipóteses mais interessantes do ponto de vista explicativo” (1996, p. 118).

A respeito dos dados de aquisição oral e escrita, Abaurre (1996) comenta que são de uma “grande e natural instabilidade” (p. 120) e, neste sentido, deixam marcas de um processo que “se constitui (...) no próprio objeto de estudo das pesquisas em aquisição da linguagem” (p. 120). Esta visão corrobora com os propósitos desta pesquisa no sentido de não focalizar o olhar apenas no produto tendo em vista seu caráter provisório. Também é importante dizer que não interessa aqui quantas vezes encontramos determinado *erro*. Podem ser “*ocorrências únicas*” (p. 121, grifo nosso), como afirma a autora, mas que proporcionam o entendimento de uma relação entre o sujeito e a linguagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os *erros* são comuns na escrita infantil. Por vezes, revelam o diálogo com outros discursos que por sua vez, e se concebidos como um fazer linguístico-discursivo, dizem do processo de constituição do sujeito como escrevente. Revelam também a maneira singular com que os sujeitos são afetados pela sua própria oralidade no momento da produção textual.

Nos dados abaixo, temos as produções espontâneas de L. G.², uma criança de nove anos de idade que passou por avaliação fonoaudiológica devido a queixas escolares relacionadas à linguagem escrita. Ambos os textos foram produzidos durante uma mesma sessão na qual eu era a terapeuta. A produção foi contextualizada da seguinte forma: a criança assiste a um clipe da música *O Pato*, de Vinícius de Moraes, e produz o texto 1. Após esta atividade, propus a produção de outro texto baseado em uma história que já tínhamos lido em outro encontro. Vejamos:

Texto 1

O Ugalô
Um surou a galinha e botou no mar. Nos levou um
coice do covolo e coit no peso. Se afogou mas não morreu
fidal emgozgado.
Ele provocou o ganso e ~~o~~ sponhol e quebrou o oza
e ficou 3 dias sem poder se mexer.
Ele provocou o boi e levou uma chebrada e coit no tanque
e ofumdel e morreu.

² Foi aplicado um termo de consentimento livre e esclarecido que autoriza o uso das produções textuais. São utilizadas apenas as iniciais do nome para proteção da identidade da criança.

Chamo a atenção do leitor para os *erros* do tipo *batel* (bateu), *levol* (levou), *cail* (caiu), *afogol* (afogou), *morel* (morreu), *ficol* (ficou), *provocol* (provocou), *apanhol* (apanhou), *quebrol* (quebrou) e *afumdol* (afundou). Vemos que a criança grafa a consoante *l* nos lugares ocupados pela vogal *u*. Este *erro* aconteceu, provavelmente, devido às múltiplas possibilidades de representação fonética do português brasileiro. Na mesma sessão, Luiz Gustavo escreve pela segunda vez:

Texto 2

O Passarinho vermelho
 O Passarinho vermelho queria ter um
 filho mas não podia e um dia ele estava voa-
 ndo e o encontrou um ovo e levou o
 ninho que tinha feito.
 E pensou o ovo deve estar com fome e a
 voou atrás de uma minhoca e achou e a trope-
 so o ovo e ficou bravo que o ovo não comia.
 E a foi o o sol, perguntou o ovo não quer
 comer. E o sol ficou com do dele e a toda
 tarde ia o esquentar o ovo e ele que um
 dia o passaro bicou o ovo e saiu do cesto
 e o Passarinho vermelho tinha com quem
 brincar, voou.

Chamo a atenção do leitor para a escrita de *encontrou*, *levou*, *ficou*, *perguntou* e *bicou*. Observamos que, no texto 2, os mesmos equívocos na grafia de palavras

terminadas em /u/ não ocorrem. Vemos, inclusive, as palavras *ficou* e *levou* aparecendo nos textos 1 e 2 grafadas da forma *errada* e convencional, respectivamente. Vale ressaltar que, em nenhum momento, a criança foi corrigida. Ambos os textos só foram analisados por mim posteriormente.

Os dois textos, produzidos num mesmo dia, são indícios do caráter heterogêneo dos dados de aquisição. São indícios também de que não se pode atribuir conhecimento linguístico à criança, mesmo quando se trata de linguagem escrita. Do contrário, o que justificaria o fato de *erros* da mesma espécie não estarem presentes de maneira uniforme em dois textos produzidos por uma criança no mesmo dia?

Primeiramente, é necessário pensar sobre a relação fala/escrita. A maneira como o pesquisador enxerga tal relação pode influenciar no tratamento dado aos textos. Segundo Luiz Antônio Marcuschi (1997), estabelecer dicotomias estanques entre fala e escrita é o mesmo que ignorar fatores dialógicos e discursivos. É necessário levar em consideração que a relação entre fala e escrita se dá pela língua e de maneira indeterminada, mas muitas vezes cometemos o equívoco de enxergar a escrita como produto transparente e bem definido. Em outras palavras, as relações entre fala e escrita não são óbvias nem constantes, pois refletem o dinamismo da língua em funcionamento.

Castro (2011) também tece comentários a respeito da relação fala/escrita. Segundo a autora, é necessário observar que entre a fala e a escrita existem diferenças que ela chama de *intervalo*. O intervalo entre a fala e a escrita não é, porém, bem delimitado. A autora fala sobre uma *porosidade* que dá à relação entre fala e escrita o estatuto de penetrância e termina dizendo que “a fala e a escrita realizam, cada uma a seu modo, essa ficção de delimitação de unidades; de um corte fundador de uma prática da linguagem” (CASTRO, 2011, p. 213).

A noção de sujeito (sujeito clivado, dividido entre aquele que fala e escreve) e o tratamento que se dá aos dados no interacionismo em aquisição de linguagem vão de

encontro à ideia de que a escrita seria um instrumento de representação gráfica da fala, pois se o sujeito é o do inconsciente e as mudanças em direção à fala/escrita convencional são heterogêneas, então não há de se supor que o encontro entre fala e escrita seja transparente.

Sugiro, portanto, pensar este episódio como indício de que o processo de aquisição de escrita é instável. Instabilidade esta que demonstra que a criança foi tocada pela relação entre fala e escrita, mas não simplesmente isso, já que não há, no português brasileiro, uma relação “um a um” entre fonema e grafema. O uso da letra l nos lugares que correspondem, na oralidade, à semivogal, não reflete o conhecimento da criança sobre a escrita convencional e nem demonstra sua intenção em alcançar esta escrita, mas reflete a circulação da criança pela linguagem oral e pela linguagem escrita e suas convenções ortográficas. Em outras palavras, mostra a maneira pela qual a criança está sendo tocada pelas convenções ortográficas da escrita e pela própria oralidade.

Proponho, então, que os textos de L. G. demonstram os movimentos ritmados pela linguagem, em um fazer muito mais simbólico do que cognitivo. É claro que a criança não está alheia aos discursos escolares sobre a escrita padrão e é, sim, afetada por estes discursos, mas isso não significa que o ato de escrever é um ensaio em busca deste padrão.

Quanto às grafias convencionais que aparecem no texto 2 (*ficou, levou*) acredito que, a exemplo de Capristano (2007), elas não podem ser vistas como o mesmo acerto que comparece na escrita do adulto (por isso utilizo o termo *acerto* também em itálico), pois se trata de adequação aparente e que “esconde um processo que se constitui diferentemente para cada criança” (CAPRISTANO, 2007, p. 104). Prova disto é, justamente, o texto 1. Temos, portanto, em um mesmo momento, a convivência de *acertos e erros* na escrita da criança.

Os textos de Luiz Gustavo apontam para uma regularidade — a recorrência de um *erro* — e, ao mesmo tempo, apontam para a instabilidade do processo de aquisição da escrita. Acredito que a instabilidade ocorre devido às constantes rupturas com a escrita do adulto, já cristalizada e relativamente estável. Neste sentido, a ortografia na escrita da criança é muito menos incólume do que na escrita do adulto.

Ainda a respeito da relação oralidade/escrita nos textos apresentados, devo esclarecer que *batel, levol, cail, afogol, morel, ficol, provocol, apanhol, quebrol e afumdol* poderiam apontar para um simulacro: o de que a escrita é a representação da oralidade. No entanto, assumo que a escrita da criança é geradora de efeitos e um deles pode ser justamente o *efeito de representação*. Neste sentido, tomar este dado como *evidência* de representação do oral no escrito seria deixar-se levar pelo efeito que ele gerou, o que impossibilita o pesquisador de enxergar o processo de aquisição da escrita em sua ordem particular. Este vai e vem pelas possibilidades que a ortografia da língua oferece e demonstra a imersão da criança no funcionamento linguístico-discursivo. Proponho que essas ocorrências sejam vistas como indícios da forma como os sujeitos trabalham com a própria escrita, indícios que revelam o processo de idas e vindas pelas possibilidades abertas pelo funcionamento linguístico-discursivo.

Em um dos textos da análise de dados da tese de Capristano (CAPRISTANO, 2007, p. 97), olhando para aspectos da segmentação de palavras, foi possível observar trechos em acordo com as convenções escritas de segmentação e também trechos em desacordo. O convívio de *acertos* e *erros* num mesmo enunciado faz com que a atribuição de algum tipo de conhecimento linguístico por parte da criança seja abalada. A autora considera que os *acertos* são como “uma espécie de colagem da escrita do *outro*” (p. 97). Semelhantemente, os *erros* não podem ser tomados como argumento para dizer que a criança não está imersa no funcionamento da escrita.

Neste sentido, os movimentos de ida e vinda pelos *acertos* e *erros* denotam o caráter oscilante do processo de submetimento ao funcionamento da linguagem escrita.

Outro ponto importante a respeito dos *erros* é que, para além do suposto fracasso por parte da criança em conceber as convenções ortográficas, temos um sujeito que foi tocado por um aspecto específico da linguagem escrita, pois, na oralidade, é comum que alguns verbos conjugados no passado sejam pronunciados como *ficô*, *levô*, *afogô*, etc. Em outras palavras, há outro aspecto da língua em jogo, o da conjugação verbal. Neste sentido, vemos o sujeito sendo tocado por fatos linguístico-discursivos da língua escrita.

Ressalto que, de acordo com o Interacionismo em Aquisição de Linguagem (LEMO, 2002, 2006), a criança não pode “optar”, no sentido cognoscitivo, por marcar a sonoridade das palavras, mas este aspecto da oralidade emerge em sua escrita através do canal de diálogo aberto pelo funcionamento linguístico-discursivo para as duas modalidades de linguagem. A este respeito Capristano (2007) comenta que a linguagem oferece aos homens “um horizonte de possibilidades enunciativas latentes” (CAPRISTANO, 2007, p. 85).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados à luz de uma abordagem interacionista, foi possível fazer uma interpretação alternativa da trajetória na aquisição da linguagem escrita por parte de uma criança e perceber que tal processo é heterogêneo, ou seja, não segue uma ordem regular.

Os *erros* presentes no primeiro texto da criança e a ausência destes, no segundo texto, deixam ver marcas do funcionamento linguístico-discursivo de mudanças ocorrendo independentemente da cronologia. Eles tornam impossível afirmar se a criança detém ou não o conhecimento acerca da grafia correta das palavras. A única

afirmação possível é a de que os dados apontam para uma relação oscilante entre a criança e a linguagem. O que permite a oscilação entre os *erros* e *acertos* na escrita da criança são as múltiplas possibilidades que a língua apresenta. Tais possibilidades ocorrem não de maneira gradual, mas sim de modo irregular.

O presente trabalho também proporciona uma discussão a respeito da noção de *erro* como sintoma de problemas de aprendizagem. Os *erros* devem ser vistos como marcas de um processo que é particular e a presença destes deixa ver as afetações sofridas pelo sujeito ao se constituir como escrevente. Dito de outro modo, os *erros* demonstram que o que emerge na escrita da criança é fruto de um funcionamento linguístico-discursivo o qual, por sua vez, não é segmentado em aspectos do oral, do ortográfico, do morfológico, etc., mas sim, resultado de afetações mútuas.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In CASTRO, M. F. P. (org). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, pp. 111-164.
- CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 2007.
- CARVALHO, G. e ROZENTAL, E. A experiência discursiva e a singularidade: levantamento de questões no campo da aquisição da linguagem. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Brasília, Vol. 7, N. 0, 2004, pp. 47-66.
- CASTRO, M. F. C. P. Em torno da interface e dos intervalos entre a fala e a escrita. In LIER-DEVITTO, M. F. e ARANTES, L. (orgs.) *Faces da escrita: Linguagem, Clínica, Escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2011, pp. 201-214.
- FIGUEIRA, R. A. O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. In CASTRO, M. F. P. (org). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, pp. 55-86.
- LEITE, L. *Sobre o efeito sintomático e as produções escritas de crianças*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2000.
- LEMONS, Cláudia T. G. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In ROJO, R. (org) *Alfabetização e Letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, pp. 13-31.

_____ *Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de Aquisição de Linguagem. Relatório de produtividade em pesquisa (CNPq). Campinas: UNICAMP: IEL, 1999.*

_____ *Das Vicissitudes da Fala da Criança e de sua Investigação. Cadernos de Estudos Lingüísticos, n.42, 2002.*

_____ Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem. In LIER-DE VITTO, M. F. e ARANTES, L. (orgs.) *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: EDUC, 2006, pp. 21-32.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. *Revista Signótica*. v. 9, 1997.

Submetido em: 15/07/2015

Aceito em: 14/09/2015